

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



DIACONIA TRANSFORMADORA

David Mesquiati de Oliveira*

Resumo

Este artigo defende que a diaconia no modelo de Jesus é profundamente transformadora. Em se tratando da realidade latino-americana, o modelo diaconal jesuânico é uma via de comunicação eficaz, pois usa como linguagem atos de amor e esperança, apontando para a realidade do reino de Deus. Para as igrejas pentecostais, (re)descobrir a diaconia é um grande avanço em seu discurso transformador, pois ampliaria sua ética majoritariamente individualista, para uma ética pública, social. A via diacônica, então, abre novas possibilidades para que a *Missio Dei* se realize na América Latina.

Palavras-chave: Transformação social. *Missio Dei*. Pentecostais.

Abstract

This paper argues that the diaconate in the model of Jesus is profoundly transformative. In the case of Latin American reality, the model is a diaconal Jesus through effective communication, it uses language as acts of love and hope, pointing to the reality of God's kingdom. For the Pentecostal churches, to (re)discover the diaconate is a major breakthrough in their transforming discourse, mainly because it would expand its predominant ethical individualism towards a public, social ethics. The diaconical way then opens up new possibilities for the *Missio Dei* to take place in Latin America.

Keywords: Social Transformation. *Missio Dei*. Pentecostals.

Introdução

Protestantes históricos, católicos e parte dos evangélicos têm tradição na ação diaconal. Heinz Lorenz chega a afirmar que nunca houve tanta diaconia nas comunidades como na atualidade¹. As igrejas pentecostais, no entanto, têm como característica principal a busca de experiências no Espírito e a urgência da evangelização. A grande quantidade de fiéis indica que elas têm logrado o que se propõem. Acredito que refletir sobre diaconia nas igrejas pentecostais trará um aporte significativo para a *missio Dei* na América Latina.

* David Mesquiati é doutorando em teologia pela PUC-Rio, mestre em teologia prática pela Faculdades Est, bacharel em economia (UFES) e em teologia (EST), professor da Faculdade Unida de Vitória, pastor da Assembleia de Deus. Email: david@faculdadeunida.com.br.

¹ LORENZ, Heinz. Comunidade diaconal? In: NORDSTOKKE, Kjell (org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 286.

O texto foi elaborado a partir do pentecostalismo na América Latina, sobretudo a partir do contexto brasileiro, marcado por forte influência das Assembleias de Deus. Concentra-se no pentecostalismo clássico, diferenciado especialmente da versão neopentecostal.

Uma visão dos pentecostais

O pentecostalismo é um movimento com raízes no metodismo e nos reavivamentos acontecidos ainda na Inglaterra. O pentecostalismo moderno, por sua vez, remonta a uma nova onda de avivamentos, sobretudo ligados a Azusa Street, nos Estados Unidos, no início do século XX². Nos últimos cem anos, tem gerado um sem número de denominações e por meio de missionários, evangelistas e novas congregações, tem se espalhado por todo o mundo. Tomando os acontecimentos do Dia de Pentecostes (At 2.1-12) como o estabelecimento de um padrão de vida cristã, seus adeptos tentam reproduzir literalmente aquele padrão e são conhecidos como “pentecostais”. É entendido por seus adeptos como um modo de pensamento e vida cristã que se autocompreende a partir da ação pentecostal de Deus. Um Deus que age sobre a igreja e mundo por intermédio do Seu Espírito.

A meu ver, o pentecostalismo é um “modo” religioso, um novo modo de se viver e expressar a fé cristã. É um estilo e uma postura particular de fé, bem como uma atitude peculiar com relação às questões da fé. Por isso, estudá-lo não é questão epistemológica. Ao mesmo tempo, não se trata de identificar os distintivos pentecostais genéricos ou as convicções peculiares e os ideais específicos.

O teólogo anglicano Alister McGrath afirmou: “No século XX, um dos acontecimentos mais importantes para o cristianismo foi o surgimento de grupos carismáticos e pentecostais, os quais afirmam que o cristianismo moderno pode redescobrir e tomar posse do poder do Espírito Santo, descrito no Novo Testamento, em especial no livro dos Atos dos Apóstolos”³. A novidade estaria no redescobrimto de uma pneumatologia mais presente na comunidade, capaz de gerar novas práticas e ressignificações. Essa perspectiva mostra a importância do movimento, mas ao mesmo tempo necessita de esclarecimentos.

² Os pioneiros teriam sido Charles Fox Parham (1873 – 1929) e Joseph William Seymour (1870 – 1922).

³ McGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2005, p. 161.

Os movimentos renovados não podem ter a pretensão de descobrir o Espírito, que não pode ser dominado. Deus é um mistério. Nem Jesus, revelação cabal de Deus, revelou tudo de Deus. Havia limitações culturais, sociolinguísticas e temporais que impedem o desvelamento total. O agir do Espírito é da ordem da graça, é inesperado. Não se deixa sistematizar. O Espírito não se permite ser controlado. Qualquer que pretender fazê-lo terminará longe d'Ele.

A ação do Espírito impulsiona à missão, entendida como a *missio Dei* (a reconciliação de todas as coisas em Deus, em e por Jesus). Esta tem a dimensão do anúncio, da evangelização, mas não é somente isso. Há também a dimensão profética, de confrontação com o sistema mundano, de denúncia da injustiça, de viver diaconalmente. É o mesmo Espírito quem impulsiona essas ações.

No sentido bíblico, profetismo é a capacidade de ler criticamente a realidade e confrontá-la com a revelação recebida de Deus. Os profetas inspirados pelo Espírito tinham preocupações com a vida da sociedade (Isaías, Amós, Miqueias, para citar alguns). Eram reformadores sociais. A partir da realidade em que estavam inseridos eles faziam a ponte com a espiritualidade. Entendiam que os propósitos salvíficos de Deus se estendiam para além do indivíduo. Alcançavam a comunidade como um todo, a cultura e as nações.

Doutrinariamente, o pentecostalismo clássico aguarda uma segunda vinda de Cristo e tende a fazer uma interpretação literal dos acontecimentos bíblicos. É marcado por uma espontaneidade litúrgica, com cantos e ritmos populares. Teve a capacidade de atrair cada vez maior número de jovens, principalmente pela presença da música, de cânticos, danças e da aceitação de indumentárias modernas.⁴ Expressam-se religiosamente por meio de palmas, do falar em línguas estranhas (*glossolalia*), das evocações e do corpo. A ênfase se dá na atualidade dos dons espirituais pelo batismo especial no Espírito Santo.

De acordo com Francisco Rolim, a Congregação Cristã do Brasil é a única igreja pentecostal no âmbito brasileiro que não ensina aos adeptos como ler a Bíblia. Professor, só mesmo o Espírito Santo. O iluminismo religioso seria a característica básica desse grupo em particular. No culto, qualquer membro pode assumir a

⁴ Ferretti, Sergio. Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano. In: BAPTISTA, Paulo A. N., PASSOS, Mauro & SILVA, Wellington T. (orgs.). *O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 120.

pregação: abrindo ao acaso a Bíblia, começa a falar.⁵ As demais igrejas pentecostais têm na pregação o ponto alto, com muita energia e vigor. A leitura bíblica é incentivada, apesar de predominantemente ser de viés literalista.

Um aspecto que chama a atenção das outras versões de cristianismo e das outras religiões é que a igreja pentecostal teve crescimento muito acelerado e arrebanhou multidões. Parte desse crescimento se deve ao ardor missionário, com ênfase na decisão pessoal dos ouvintes. Essa decisão por Cristo implica em uma decisão de frequentar o templo. Jose Míguez Bonino afirma que essa abordagem foi positiva porque possibilitou o encontro de milhões de pessoas com Cristo. Mas ao mesmo tempo, não contemplou toda a dimensão comunitária da missão, que foi reduzida à conversão.⁶ Essa prática teve origem nos ideais da Reforma protestante (século XVI) e no movimento pietista (século XVII). Na primeira, porque enfatizava o livre acesso a Deus sem intermediários, sem depender do outro; no segundo, com base na experiência pessoal de salvação. Mal interpretados, porém, ambos os movimentos minam a convivência comunitária e a prática diaconal, com consequências individualistas.⁷

Observa-se que alguns adeptos nem sempre têm relação estreita com o fruto do Espírito (Gálatas 5.16-18), o que é motivo de exortação interna. De acordo com as pregações nos púlpitos, não é coerente que o cristão tenha experiências de poder no Espírito e ao mesmo tempo leve ainda uma vida condicionada pelo pecado. Daqui resulta a formulação de códigos de conduta austeros, com várias limitações de práticas sociais e de lazer. Essa rigidez prevê padrões sociais que chegam a inibir ou de fato proibir bebida alcoólica, tabaco, boates, e cercearam durante muito tempo o lazer e os esportes. Essa quase alienação do “mundo” era proposital.

Tal afastamento da sociedade transformou os grupos pentecostais clássicos em lugar de refúgio, de nova identidade e sectarismo. Como as essas igrejas estavam localizadas em áreas densamente povoadas, sobretudo nas periferias, com muita violência e criminalidade ao redor, frequentar uma delas era afirmar para a comunidade a disposição de mudar de vida. Com isso, tais grupos conquistavam o

⁵ ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 33s.

⁶ Cf. BONINO, Jose Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 126s. Ver também OLIVEIRA, David Mesquiati. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2011, p. 49s.

⁷ Cf. ESCOBAR, Samuel. La naturaleza comunitária de la iglesia. In: PADILLA, René e YAMAMORI, Tetsunao (eds.). *La iglesia local como agente de transformación: una eclesiología para la iglesia local*. Buenos Aires: Kairós, 2003, p. 75-81.

respeito até mesmo de criminosos. O sociólogo Edin Abumanssur afirma que “o pentecostalismo pode ser visto como uma estratégia de sobrevivência nas periferias das grandes metrópoles. Ao exigir de seus fiéis um comportamento mais austero e disciplinado, as igrejas pentecostais acabam por garantir uma menor exposição aos ambientes de violência das cidades”.⁸ Ao se fechar em um novo ambiente marcado por abstinência e devoção, o grupo ganhava em segurança e menos exposição à violência. Contudo isso não explica ainda seu crescimento nas áreas rurais e entre os cidadãos com acesso à educação formal.

De acordo com Jorge Pinheiro, os pentecostais têm ainda como característico o fervor religioso, demonstrado em dois hábitos bem marcantes: o primeiro é a frequência ao templo, com 86% dos pentecostais afirmando que vão à congregação ao menos uma vez por semana, contra 38% da população como um todo. O segundo está na prática da leitura das Escrituras. Pesquisas mostram que 51% desse grupo lê a Bíblia diariamente, contra 16% das demais pessoas⁹.

No Brasil, parece que o modo de ser pentecostal encontrou terreno fértil nas “muitas maneiras e combinações através das quais os brasileiros enfrentam seus problemas materiais e emocionais imediatos e fazem renascer o sentido e a esperança em suas vidas”.¹⁰ Soube lidar com a diversidade que havia aqui e mostrou-se relevante e atual:

O pentecostalismo no Brasil deve ser analisado como um produto histórico singular. É o resultado de um encontro cultural entre os elementos do cristianismo universal – na Europa reformada e no novo mundo reavivado – em um território nacional historicamente construído católico, com suas heranças indígenas e, religiosamente, marcado pela presença de povos africanos.¹¹

Essa pluralidade contextual mostra que o pentecostalismo enfrentou a realidade a partir da diversidade. Isto é, não buscou uniformizar a experiência. Mas a partir de uma experiência comum a todos, abriu espaço para espiritualidades diversas, com práticas e cultos também diversos. Junto com sua universalização estava sua capacidade de adaptação. Oneide Bobsin afirma que “o processo

⁸ Cf. ABUMANSUR, Edin. Pentecostalismo e violência em São Paulo. In: SOTER (org.). *Deus e vida*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 280.

⁹ PINHEIRO, Jorge. Posfácil: a igreja numa era de revolução social. In: HURLBUT, Jesse L. *História da igreja cristã*. Ed. rev. atual. São Paulo: Vida, 2007, p. 302.

¹⁰ NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 73.

¹¹ NOVAES, 2001, p. 73.

sucessivo de rupturas constantes também favorece o crescimento deste fenômeno religioso. Neste caso, parece que a divisão faz somar”.¹² Aqui se apresenta outra característica: a inclusividade. No entanto, o pentecostalismo não se caracterizou por uma abertura ecumênica. Ao contrário, é acusado de falta de diálogo e proselitismo. Para algumas denominações históricas significou, na prática, divisão e ruptura.

Jules Gritti afirma que já no Novo Testamento se optou pela pluralidade, especialmente vista nas descrições sobre o fundador da fé cristã: o Evangelho de Marcos não pode ser reduzido ao de João ou de nenhum outro. A *não identidade* caracteriza a linguagem do Novo Testamento.¹³ No afã de zelar pela sã doutrina, grupos cristãos diversos têm anulado essa rica diversidade. Em nome de *uma* identidade e unicidade sacrificam a inteireza do evangelho transformador de Jesus. Um tratamento teológico da unidade na diversidade deveria ajudar a trabalhar bem lado a lado, mesmo que haja pontos sobre os quais se discorde.

Sobre o Espírito como promotor da unidade, José Comblin afirma que “se busca a unidade, é sempre para além da maior multiplicidade, no momento em que nenhuma força humana seria capaz de reencontrá-la”.¹⁴ Essa multiplicidade se reconhece a partir da constatação de que

não existe nenhum caminho já traçado antecipadamente. O único caminho é o que o Espírito dispõe a cada instante, como que uma nova criação para cada um dentre nós. Não existe um caminho único: existem milhões de caminhos e o Espírito é a unidade de todos eles.¹⁵

Estamos pendentes de “uma nova razão (conversão), uma nova maneira de olhar (esperança) e uma nova maneira de pensar o mundo (diálogo)”.¹⁶ Isso exige novas respostas às perguntas que tínhamos respondido no passado. Um exemplo é a missão: ainda não se libertou do reducionismo, seja conversionista/proselitista, político/econômico ou exclusivista. Necessitamos de uma missão sem conquistadores e sem conquistas, pois a relação proposta pelo reino do Deus de Jesus Cristo é de acompanhamento, parceria e companheirismo,¹⁷ com vistas à transformação, sendo a diaconia, uma via necessária.

¹² BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI, EST, 2002, p. 85.

¹³ GRITTI, Jules. *Expressão da fé nas culturas humanas*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 127s.

¹⁴ COMBLIN, J. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 33.

¹⁵ COMBLIN, 1982, p. 31.

¹⁶ OLIVEIRA, 2011, p. 139.

¹⁷ OLIVEIRA, 2011, p. 140.

Teologia pentecostal e transformação social

Passamos agora a considerar essas peculiaridades na história e prática dos pentecostais e sua relação com a transformação social. Podemos destacar:

Os pentecostais ficaram conhecidos por sua vitalidade espiritual, não pela superioridade teológica ou rigor intelectual. Mas a história nos mostra que sem uma base teológica forte, os movimentos entusiásticos se dissipam ou evoluem para outras direções. Assim, o futuro do movimento pentecostal permanece incerto. [...] Paradoxalmente, do mesmo modo que o movimento pentecostal enfrenta esse importante desafio teológico [ser capaz de transmitir à geração seguinte um fundamento doutrinário sólido], também se vê diante de oportunidades ímpares para uma nova reflexão teológica.¹⁸

O que William e Robert Menzies defendem é a possível fertilidade de uma perspectiva pentecostal neste novo século. De acordo com esses autores, a teologia do pentecostalismo pode ser assim resumida:

A concessão do Espírito no Pentecostes, registrada em Atos 2, definiu o movimento. A experiência dinâmica que deu coesão ao movimento – experiência que os pentecostais denominam “batismo no Espírito Santo” – está arraigada na promessa de poder associada ao dom pentecostal (At 1.8). [...] Por meio de recurso editorial em Lucas 11.13b, Lucas estimula os discípulos pós-Pentecostes a pedir o dom do Espírito Santo, que para ele significava o acesso aberto ao Espírito divino – a fonte de poder que os capacitaria a ser testemunhas eficazes de Cristo (Lc 12.12; At 1.8).¹⁹

A afirmação pentecostal insiste na distinção das pneumatologias de Lucas e de Paulo. Em Lucas 11.13 o autor apresenta o Espírito não como fonte de purificação e de uma nova habilidade para guardar a lei, mas como fonte de poder para o testemunho eficaz. O dom pentecostal é uma experiência distinta da conversão. Embora essas pneumatologias sejam complementares, os não pentecostais enfatizam a paulina, enquanto os pentecostais, a lucana. A lógica pentecostal é que Paulo atribui importância soteriológica ao dom do Espírito, em tom de complementaridade, não de evolução ou substituição.

De acordo com a doutrina pentecostal uma pessoa pode ser regenerada, justificada e santificada e ainda não ter recebido o revestimento de poder.²⁰ Essa

¹⁸ MENZIES, William & MENZIES, Robert. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal*, um chamado ao diálogo. São Paulo: Vida, 2002, p. 9.

¹⁹ MENZIES & MENZIES, 2002, p. 10 e 147.

²⁰ Cf. MENZIES, William; HORTON, Stanley. *Doutrinas bíblicas: os fundamentos da nossa fé*. 5 ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2005.

segunda bênção é uma capacitação para a missão no poder do Espírito²¹ e pode ser experimentada simultaneamente com a conversão. No entanto, em si, o dom pentecostal não é uma experiência salvífica. Isto é, não é condicionante para a salvação. Está ligado ao serviço cristão (proclamação, diaconia, comunhão, liturgia).

Ainda como resquício da modernidade como racionalismo, buscou-se uma “evidência” desse dom pentecostal.²² O sinal visível que se convencionou seria o “falar em outras línguas”. Eclesiologicamente as “línguas estranhas” (ininteligíveis) passaram a ser uma espécie de “sacramento” pentecostal. O lado positivo é que essa experiência chamava os leigos à participação ativa na comunidade, com efeito democratizante. O negativo é que gerou também uma mentalidade de “uns mais espirituais que outros”. Os que tinham a experiência mormente se consideravam mais próximos ou aprovados por Deus.

A presença do Espírito com diferentes dons e manifestações deveria promover a unidade e não a dissensão. Quando o membro do corpo de Cristo percebe que o outro tem dons que ele não tem, espera-se que isso gere complementaridade e interdependência, e não disputas. Os dons servem, portanto, para a edificação e unidade da igreja.

A partir da narrativa bíblica da vida de Gideão (Jz 6.11-8.35), vemos o quanto os sinais miraculosos não estão diretamente relacionados com a qualidade da fé de um sujeito. Ele teve várias experiências, que incluíram aparição de anjos, sinais miraculosos, sonhos e visões. Depois de tantas experiências, que se prolongaram por muitos dias, ele foi à guerra e venceu também com ajuda divina. Mas o primeiro ato que praticou ao regressar foi erigir um ídolo, uma escultura de si mesmo na praça principal, e convocar a adorá-lo, como o grande libertador de Israel (Jz 8.24-37). A fé que precisa firmar-se em sinais visíveis não é suficiente para manter um relacionamento pessoal com Deus. Nesse sentido, atrevo-me a dizer que Gideão não é exemplo de fé. Se aparece na galeria dos heróis da fé em Hebreus 11.32,33, é para mostrar o quanto Deus intervém milagrosamente na vida dos homens. Isto é, tal figuração não valida o personagem humano, mas aponta para Deus.

²¹ PALMA, Anthony. *O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos e a atualidade da doutrina pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 86-87.

²² Em um racionalismo reducionista, o empirismo e as ciências positivistas tornaram critério de verdade e validade, a comprovação, as evidências. O que não se podia comprovar com “fatos” era falso. Nesse sistema, o conhecimento verdadeiro provém unicamente da experiência.

Sobre um genuíno avivamento aprendemos com a cautela de Claudionor de Andrade:

A ocorrência de milagres não denota, necessariamente, avivamento; a característica principal deste é o amor a Cristo que nunca deixa de ser primeiro. Amamos a Jesus não pelos sinais e maravilhas que opera; amamo-lo pelo sacrifício do Calvário que ousou por todos nós.²³

Aqui introduzimos uma questão central: o Espírito Santo aponta para Jesus. Ele é a nossa matriz. O Pai comunica Deus a partir do Filho. Ao vir o Filho, Deus se revela. Promove algo para fora d'Ele, que é Ele mesmo. Assumiu natureza humana. Assim, quanto mais nos aproximarmos de Jesus, mais humanos seremos e mais d'Ele conheceremos. Essa é a dinâmica que o Espírito quer pôr em prática. Dessa forma, a matriz pentecostal de fato é cristológica e não pneumatológica.

Esse é um risco que ronda o pentecostalismo bem de perto: uma ênfase pneumatológica excessiva, em detrimento da cristologia e outras perspectivas igualmente importantes como a diaconia. Em alguns segmentos mais radicais – não abertamente, pois não se pode assumir esse descompasso sem ser contestado – a justificação e a graça são, na prática, relativizados para ressaltar o esforço do indivíduo na santificação.

Um caminho para superar essa possibilidade está na reflexão sobre a imagem de Deus. Que “tipo” de Deus quer o pentecostalismo seguir e experimentar? A resposta deve passar pelo Deus de Jesus Cristo. Mas não é possível defini-lo com clareza, pois os seres humanos estão sempre a caminho, em elaboração e dentro de horizontes específicos. Os que julgam tê-lo definido com clareza na verdade criaram um ídolo.

Deus se mostra por meio de Jesus, o de Nazaré – o feito fragilidade humana. Querer buscar Deus no “todo-poderoso” torna-o inacessível e invalida todo o esforço divino para comunicar-se eficazmente com os seres humanos²⁴. Isso implica dizer que buscar Deus nos milagres, no sobrenatural, na experiência sempre fora do comum é estar na contramão do caminho escolhido por Ele. É preciso se aproximar do Jesus “todo-misericordioso”, que se “compadecia” das multidões, que se

²³ ANDRADE, Claudionor. *Fundamentos bíblicos de um autêntico avivamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 119. Ver também ZIBORDI, Ciro. *Evangelhos que Paulo jamais pregaria*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 23-44.

²⁴ Essa perspectiva está bem desenvolvida em VARONE, Fraçois. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. 2 ed. São Paulo: Santuário, 2001; e, também em autores como Alfonso Garcia Rubio e Edward Schillebeeckx.

“entregou” pela humanidade. Do Jesus humano. Do Jesus Diácono. Na humanidade de Jesus, na sua fragilidade, também havia presença poderosa de Deus, mas poderosa em amor. Que significa isso? Que ele foi capaz de se encolher para respeitar a liberdade do ser que ele acabara de criar. Em seu agir livre, ele escolheu esse caminho.

Para manter uma identidade pentecostal requer-se uma visão clara do papel do Espírito Santo. Como afirmamos acima, esse papel é o de apontar para Jesus, não para si mesmo. O Espírito tem o compromisso de oferecer condições para que os discípulos de Jesus sejam de fato seguidores do Mestre, do Diácono. No cristianismo o discipulado é permanente. Em outras religiões e no senso comum, o discípulo um dia vira mestre e também terá discípulos. A fé em Jesus denota que Ele é o único mestre e os cristãos O seguirão em contínua relação de discipulado. Devemos imitá-lo em tudo.

O problema é que o pentecostalismo começou criticando a excessiva institucionalização hierarquizada da igreja católica e também dos protestantes históricos, mas não foi capaz de superá-los. Algumas denominações atuais são tão centralizadoras quanto as estruturas anteriores, com o agravante de dependerem de alguns indivíduos “mais iguais que os outros”, tidos como fundadores e detentores da “última revelação de Deus”. Dos protestantes pesava ainda um excessivo racionalismo. Saiu de um extremo racionalista, intelectualizado, no final do século XIX e no século XX, para o emocionalismo característico do século XXI. Com a pós-modernidade, prevaleceu o emocional em detrimento da razão, o particular em lugar do comunitário. Temos ainda muito trabalho e um longo caminho pela frente.

Diaconia que transforma

Dado que vivemos em um novo mundo multicultural e plurirreligioso precisamos não somente estar direcionados *para* o outro, mas também, a partir do desafio imposto pela nova *pedagogia da autonomia* (Paulo Freire), construir caminhos *com* as pessoas, *com* as comunidades de fé e vida, *com* os movimentos sociais, *com* os partidos políticos. Parafraseando Roberto Zwetsch, os pentecostais trariam uma contribuição ao continente à medida que se inserisse nos embates

comunitários, sociais e globais.²⁵ Não é fechando-se como grupo e reafirmando as experiências do passado que serão autênticos pentecostais, mas no engajamento no mundo, *em e por* Jesus Cristo.

Esse chamado *para fora* das próprias fileiras desafia ao menos a duas questões centrais no debate atual: a cultura pós-moderna e a solidariedade. A pós-modernidade se caracteriza por incertezas, relativização, emoção, foco no presente, esquecimento do passado, indiferença ao futuro, aparência em lugar da ética, etc. Não há mais sentido de pertença. As pessoas agem e tomam decisões de acordo com os ganhos utilitários. Conquista, empoderamento e impacto estão na ordem do dia. Na verdade elas escondem a dura realidade: vivemos em uma sociedade individualista, hedonista e narcisista.

Onde está a *protestatio*, a interpelação e o compromisso com o reino de Deus? Ser pentecostal também deveria trazer esse caráter de revivificação de certas verdades esquecidas, que podem revitalizar as comunidades de fé. O que significou falar em línguas nos séculos XIX e XX? E o que significa isso hoje? Anular aquela experiência não faz jus aos benefícios que ela trouxe ao corpo de Cristo e a tantas pessoas. Mas será que não está na hora de repensar o que seria esse falar em línguas no século XXI? Manter a identidade sim, mas atualizar a linguagem e as práticas. O ambiente daquela época era de uma lembrança vívida das sequelas da escravidão, das massas de operários nas cidades, dos trabalhadores braçais nas monoculturas. No Brasil, o racionalismo convivia com a religiosidade popular, reproduzindo um cristianismo medieval, com santos e superstições. Buscou-se uma espiritualidade mais vivencial, sensorial, que atendesse questões existenciais. Esse é um núcleo.

Uma questão para reflexão é se a igreja que não pratica o falar em línguas, por exemplo, mas que vive intensamente sua fé por meio dos talentos e da consagração da vida a Deus e no serviço cristão, não poderia ser chamada de igreja sob a ação pentecostal de Deus. Não seria uma igreja pentecostal atualizada? Nesse sentido, uma igreja verdadeiramente engajada no mundo, que vive um discipulado radical, seria mais pentecostal do que outra que vive externando as históricas práticas pentecostais. Não se trata de diminuir a oração, nem a busca de

²⁵ ZWETSCH, Roberto E. Identidade luterana: contexto, afirmação e compromisso com a mudança na tensão criativa do evangelho. In: WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). *Identidade evangélica-luterana e ética*. São Leopoldo: EST, 2005, p. 74-75.

Deus. Ao contrário, ia trazer essa manifestação para a vida comunitária, para a vida cidadã.

Outro exemplo está relacionado às curas de enfermos. Jesus anunciava o reino de Deus e curava os enfermos. Devemos seguir seu exemplo. Mas para isso não é necessário atrair várias câmeras e filmar toda a ação. Isso não é imitar o Mestre. Quando da tentação, foi oferecida a Jesus uma série de facilidades que, ao fim, não contribuíam para o projeto de reinado de justiça. O diabo desafia Jesus a transformar as pedras em pão. Ele se nega a esse papel de incentivar uma religião mágica, de se reduzir a um xamã, um feiticeiro, que invoca os poderes ocultos para resolver questões pontuais. Ele se recusa a ser deus quebra-galho, que pode ser instrumentalizado para interesses particulares; deus a serviço dos homens que, ao apertarem-se os botões corretos, vê-se obrigado a agir em favor dos seus privilegiados. Jesus não validou essa instrumentalização e manipulação do divino. O neopentecostalismo seguiu por este caminho.

Na provocação a que Jesus se jogasse do pináculo do templo, o que estava implícito era que os métodos usados pelo Mestre eram demasiado arcaicos. Havia maneiras mais impactantes e midiáticas para realizar seu ministério. Ele chamaria muito mais a atenção sobrevoando milagrosamente o povo e pousando suavemente, amparado por anjos. Ele também não se deixou levar pela eficácia e pelos modelos mundanos, escolhendo agir por amor, e foi fiel até o fim. Optou por viver entre os homens, e a partir da fragilidade humana, revelar Deus. Mas não é isso o que quer este tempo pós-moderno. Quer um deus *pop*, famoso, “descolado”, que vive nas redes sociais, com *blog* bem atualizado.

Não se advoga pela negação das inovações tecnológicas. Ao contrário. Os meios de comunicação se desenvolveram e afetam diretamente a sociedade. Alguns autores contemporâneos apontam que a mídia é uma espécie de quarto poder, tamanha sua influência. O que se observa hoje é que transformaram o Cristo e seu evangelho em mais um produto no mercado globalizado, sob o pretexto de seguirem o “exemplo de Jesus”. A cura deve ser tratada não somente em nível de males físicos, mas como “cura do pecado”, propósito derradeiro que justificou a vinda do Messias. Seguir a Jesus nas curas é anunciar um Deus que se interessa pela vida das pessoas e quer curá-las do seu pecado. Em tom de ironia, Jesus afirmou que veio para os “enfermos” (pecadores), pois os sãos – e pretensamente os fariseus

eram “bons”, “sãos” – não precisavam de médico. Na verdade, os que se julgavam são padeciam de grave moléstia, embora não quisessem reconhecer.

Minha intuição é que se os pentecostais, a partir de uma atualização/contextualização no mundo vigente, assumirem a dimensão do serviço, farão uma grande diferença como testemunho cristão e impulsionarão a transformação social, pois têm capilaridade e movimentam multidões. O Espírito veio sobre Jesus claramente para o serviço, não para promoção própria ou para fazer a igreja ter mais adeptos. Eis um grande desafio a atualizar:

E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: o Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração, a pregar liberdade aos cativos, e restauração da vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do SENHOR. E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos (Lc 4.16-21).

Conclusão

A identidade pentecostal está relacionada a um modo de vivência da fé cristã. Não pode ser alienante ou espiritualizante, isto é, não pode viver no mundo como se já estivesse na pátria eterna. Quanto mais espirituais, mais humanos deveria ser. Isso implica a superação do escapismo do mundo (foco somente na volta de Cristo) e de uma espiritualidade puramente sensitiva, para o crescente engajamento na sociedade. A identidade pentecostal será mais relevante quando contribuir para a construção de um projeto de vida e de reestruturação da sociedade, além dos limites da religião. Ao fazê-lo, vai redefinir seu lugar no corpo social, ou seja, a dinâmica produzirá transformações na própria identidade pentecostal. De alguma maneira, é isso que está acontecendo agora, só que pendendo para o neopentecostalismo. Os pentecostais clássicos têm a opção de manter o discurso ou caminhar para uma reinvenção, mais significativa na construção da sociedade como um todo a partir do serviço.

A diaconia é transformadora do mundo e da igreja. É transformadora da realidade social, como consequência da intervenção consciente e dedicada de cristãos comprometidos com sua fé. Por outro, é transformadora da própria igreja, que ao viver o que prega, torna-se poderoso instrumento da *missio Dei*,

disciplinando o Corpo de Cristo para atender o seu chamado e não se perder em outras prioridades. Considerando que a identidade se define para fora, afirmamos que na medida em que os pentecostais põem os carismas e o fervor religioso à disposição do amor fraterno, do amor-serviço, atualizarão os ventos de Pentecostes – diga-se de passagem, a proposta do movimento. Para isso é preciso repensar a forma como fazem missão, a ecumênica, os dons e as experiências do Espírito na comunidade, bem como o papel na justiça social. São desafios também o denominacionalismo e os desvios neopentecostais.

Mas se fizer tantas mudanças, seria ainda “pentecostal” no sentido histórico? A proclamação das boas novas de Jesus e o convite à fé têm identidade própria. Elas impelem ao amor-serviço e ao verdadeiro profetismo: o engajamento nas causas humanas. Ser pentecostal seria viver comprometidamente essa identidade de serviço, levando-a até as últimas consequências no poder do Espírito. Para isso impulsionaria o dom pentecostal. A diaconia transforma a sociedade, e pode ser também, transformadora das igrejas pentecostais, contribuindo para avanço da missão.

Referências

ABUMANSUR, Edin S. Pentecostalismo e violência em São Paulo. In: SOTER (org.). *Deus e vida*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 273-283.

ANDRADE, Claudionor de Andrade. *Fundamentos bíblicos de um autêntico avivamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

BOBSIN, Oneide. *Correntes religiosas e globalização*. São Leopoldo: CEBI, 2002.

BONINO, Jose Míguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

COMBLIN, José. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982.

ESCOBAR, Samuel. La naturaleza comunitária de la iglesia. In: PADILLA, René e YAMAMORI, Tetsunao (eds.). *La iglesia local como agente de transformación: una eclesiología para la iglesia local*. Buenos Aires: Kairós, 2003, p. 75-101.

FERRETTI, Sergio. *Religiões afro-brasileiras e pentecostalismo no fenômeno urbano*. In: BAPTISTA, Paulo A. N., PASSOS, Mauro & SILVA, Wellington T. da

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.

Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.621-635

(orgs.). *O sagrado e o urbano: diversidades, manifestações e análise*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 109-126.

GRITTI, Jules. *Expressão da fé nas culturas humanas*. São Paulo: Paulinas, 1978.

LORENZ, Heinz. Comunidade diaconal? In: NORDSTOKKE, Kjell (org.) *A diaconia em perspectiva bíblica e histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

McGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd, 2005.

MENZIES, William & MENZIES, Robert. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal, um chamado ao diálogo*. São Paulo: Vida, 2002.

MENZIES, William; HORTON, Stanley. *Doutrinas bíblicas: os fundamentos da nossa fé*. 5 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent (org.). *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 41-74.

OLIVEIRA, David Mesquiati. *Missão, cultura e transformação: desafios para a prática missionária transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2011.

PALMA, Anthony. *O batismo no Espírito Santo e com fogo: os fundamentos e a atualidade da doutrina pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

PINHEIRO, Jorge. *Posfácil: a igreja numa era de revolução social*. In: HURLBUT, Jesse L. *História da igreja cristã*. Ed. rev. atual. São Paulo: Vida, 2007, p. 282-302.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*. 2 ed. São Paulo: Santuário, 2001

ZIBORDI, Ciro. *Evangelhos que Paulo jamais pregaria*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ZWETSCH, Roberto E. Identidade luterana: contexto, afirmação e compromisso com a mudança na tensão criativa do evangelho. In: WACHHOLZ, Wilhelm (coord.). *Identidade evangélica-luterana e ética*. São Leopoldo: EST, 2005, p. 68-78.